

— "Onde os ensinos, mamã?
Quero ouví-los, quero tê-los!"
Respondeu a mãe bondosa,
Afagando-lhe os cabelos: —

— "Medita apenas num dêles,
Muito simples, mas profundo...
A mentira, minha filha,
É a neblina dêste mundo.

Mas os seus véus de ilusão
Só perturbam a existencia,
Até que o Sol da Verdade
Ressurja na Consciência.

João de Deus.

O CONQUISTADOR DIFERENTE

Os conquistadores aparecem no mundo, desde as recuadas éras da selvageria primitiva. E, há muitos séculos, postados em soberbos carros de triunfo, exibem troféus sangrentos e abafam, com aplausos ruidosos, o cortejo de misérias e lágrimas que deixam á distância. Sorridentes e felizes, aceitam as ovações do povo e distribuem graças e honrarias, cobertos de insígnias e incensados pelas frases lisonjeiras da multidão. Vasta fileira de escritores congrega-se-lhes em torno, exaltando-lhes as vitórias no campo de batalha. Poemas épicos e biografias romanceadas surgem no caminho, glorificando-lhes a personalidade que se eleva, perante os homens falíveis, á dourada galeria dos semi-deuses... Todavia, mais longe, na paisagem escura, onde chôram os vencidos, permanecem as sementeiras de dôr que aguardarão os improvisados heróis na passagem impalcável do tempo. Muitas vezes, contudo, não chegam a conduzir para o túmulo as medalhas que lhes brilham no peito dominador, porque a própria vida humana se incumbe de esclarecê-los, através das sombras da derrota, dos espinhos da enfermidade e das amargas lições da morte.

Dario, filho de Hystape, rei dos persas, após fixar o poderio dos seus exércitos, impôs terríveis sofrimentos á India, á Tracia e á Macedonia, conhecendo, em seguida, a amargura e a derrota, á frente dos gregos.

Alexandre Magno, por tantos motivos admirado na história do mundo, titulou-se generalissimo dos helenos, em plena mocidade e, numa série de movimentos militares que o celebrizaram

para sempre, infligiu inomináveis padecimentos aos lares gregos, egípcios e persas; todavia, apesar das glórias bélicas com que desafiava cidades e guerreiros, fazendo-se acompanhar de incêndios e morticínios, rendeu-se á doença que lhe imobilizou os ossos em Babilónia.

Aníbal, o grande chefe cartaginês, espalhou o terror e a humilhação entre os romanos, em sucessivas ações heróicas que lhe imortalizaram o nome, na crônica militar do Planeta, contudo, em seguida á bajulação dos aduladores e á falsa concepção de poder, foi vencido por Scipião, transformando-se num foragido sem esperança, suicidando-se, por fim, num terrível complexo de vaidade e loucura.

Julio Cesar, o famoso general, que pretendia descender de Venus e de Anchises, constituiu um dos maiores expoentes do engenho humano; submeteu a Gália e desbaratou os adversários em combates brilhantes, governando Roma, na qualidade de magnífico triunfador; no entanto, quando mais se lhe dilatava a ambição, o punhal de Bruto, seu protegido e comensal, assassinou-o, sem comiseração, em pleno Senado.

Napoleão Bonaparte, o imperador dos francês, depois de exercer no mundo uma influência de que raros homens puderam dispôr na Terra, morre, melancolicamente, numa ilha apagada, ao longo da vastidão do mar.

Ainda hoje, os conquistadores modernos, depois dos aplausos de milhões de vozes, após a dominação em que se fazem sentir, magnanimos para os seus amigos e cruéis para os adversários, espalhando condecorações e sentenças condenatórias, cáem ruidosamente dos pedestais de barro, convertendo-se em malfeiteiros comuns, a serem julgados pelas mesmas vozes que lhes cantavam louvores na véspera.

Todos êles, dominadores e tiranos, passam no mundo, entre as púrpuras do poder, a caminho dos mistérios do sofrimento e dos desencantos da morte. Em verdade, sempre deixam algum bem no campo das relações humanas, pelas novas estradas abertas e pelas utilidades da civilização, cujo aparecimento aceleram; todavia, o progresso amaldiçõa-lhes a personalidade, porque as lágrimas das mães, os soluços dos lares desertos, as aflições da orfandade, a destruição dos campos e o horror da natureza ultrajada, acompanham-nos, por toda parte, destacando-os com execráveis sináis.

Um só conquistador houve no mundo, diferente de todos pela singularidade de sua missão entre as criaturas. Não possuía legiões armadas, nem poderes políticos, nem mantos de gala. Nunca expediu ordens a soldados, nem traçou programas de dominação. Jamais humilhou e feriu. Cercou-se de cooperadores aos quais chamou "amigos". Dignificou a vida familiar, recolheu crianças ao desamparo, libertou os oprimidos, consolou os tristes e sofredores, curou cegos e paralíticos... E, por fim, em compensação aos seus trabalhos, levados a efeito com humildade e amor, aceitou acusações para que ninguém as scfresse, sumeteu-se á prisão para que outros não experimentassem a angústia do cárcere, conheceu o abandono dos que amava, separou-se dos seus, recebeu, sem revolta, ironias e bofetadas, carregou a cruz em que foi imolado e sua morte passou por ser a de um ladrão.

Mas, desde a última vitória no madeiro, tecida em perdão e misericórdia, consolidou o seu infinito poder sobre as almas e, desde êsse dia, Jesus Cristo, o conquistador diferente, começou a estender o seu divino império no mundo, prosseguindo no ser-

viço sublime da edificação espiritual, no Oriente e no Ocidente, no Norte e no Sul, nas mais variadas regiões do Planeta, erguendo uma Terra aperfeiçoada e feliz, que continua a ser construída, em bases de amor e concórdia, fraternidade e justiça, acima da sombria animalidade do egoísmo e das ruínas geladas da morte.

Irmão X.

VELHOS RIFÓES

Que a maravilha dos grandes
Não te sirva de embaraço.
A jornada, por mais longa,
Começa sempre de um passo.

Sem vida nova em Jesus
Nossa crença é muito estranha...
A raposa muda a pele
Conservando a velha manha.

Benefício acompanhado
De censura ou de papel
É bebida indesejável
Que sabe a vinagre e fel.

Na verdade, Deus é bom
Mas se o filho é rude e mau,
Por vezes, descem do céu
Pedra e fogô, corda e páu.

A ventura de quem vive
De maldade e vilipêndio
É como a luz passageira
Que nasce de um grande incêndio.